

O empréstimo- ponte sai com apoio dos EUA

20 JUL 1988

por Paulo Sotero
de Washington

O Departamento do Tesouro formalizou ontem sua participação num empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões para o Brasil. Os EUA entrarão com metade do crédito e os bancos centrais europeus, canadense e japonês comporão a outra metade, através do Banco para Compensações Internacionais (BIS) da Basileia, na Suíça, considerado o banco central dos bancos centrais.

O Brasil pagará o empréstimo-ponte até o dia 31 de dezembro próximo com as duas primeiras parcelas do crédito de 1,096 bilhão de Direitos Especiais de Saque (DES, perto de US\$ 1,5 bilhão ao câmbio de hoje) que receberá do Fundo Monetário Internacional (FMI), por conta do acordo de estabilização econômica negociado com a instituição, a ser aprovado na próxima terça-feira.

"A participação dos Estados Unidos nesse esforço multilateral indica nosso forte apoio aos esforços de

reforma econômica do Brasil e ao plano de financiamento para 1988/89, em cooperação com a comunidade financeira internacional", declarou o Tesouro, num breve comunicado.

Como contrapartida ao desembolso deste empréstimo-ponte, o governo brasileiro comprometeu-se a manter correntes os pagamentos de juros aos bancos até a efetivação do acordo de reescalonamento da dívida externa, prevista para outubro. Os juros não pagos referentes ao período entre 20 de fevereiro e 30 de setembro do ano passado serão saldados com a entrada em vigor do acordo de reescalonamento, que permitirá também a suspensão formal da moratória.

Como parte do esforço coordenado entre credores oficiais e privados para tirar o Brasil da moratória, os bancos comerciais comprometeram-se a restituir mais US\$ 50 milhões nas linhas de curto prazo para o Brasil. Três semanas atrás, quando o Brasil pagou cerca de US\$ 1 bilhão em juros atrasados de maio e junho, eles haviam reposto a primeira metade dos US\$ 600 milhões de créditos de curto prazo não renovados pelos bancos após a decretação da moratória.

A idéia de obter um empréstimo-ponte dos governos como forma de financiar uma parte dos juros aos bancos foi originalmente explorada pelo governo brasileiro em fevereiro deste ano. A consulta inicial, feita pelo embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, ao Tesouro americano recebeu resposta negativa. Três dias antes da conferência de cúpula de Toronto, no mês passado, quando as negociações com os bancos já haviam embicado na reta final, o embaixador voltou à carga e encontrou, desta vez, maior receptividade.

A fim de manter a pressão sobre os bancos, para que eles fizessem a sua parte do acordo, o secretário-adjunto do Tesouro para Assuntos Internacionais, David Mulford, continuou dando sinais negativos ao comitê de bancos sobre a disposição dos EUA de participar. "A atitude dos Estados Unidos foi muito positiva na montagem do

empréstimo-ponte", disse ontem o embaixador Marcílio Marques Moreira, que desempenhou um papel central não apenas em manter portas abertas em Washington após a decretação da moratória mas também na costura da série de acordos que até o fim do ano devem conduzir à normalização completa das relações financeiras do Brasil com o resto do mundo.

As ações dos bancos londrinos reagiram favoravelmente, ontem, à notícia de que o Brasil estaria para conseguir um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões, apesar de o Índice Financial Times — 100 ter recuado 4,5 pontos, para 1.844,8 pontos. Entre os bancos, Barclays Bank subiu 3 pence, para 418; National Westminster ganhou 4, para 589; Midland, 5, para 440; e Royal Bank of Scotland, 4, para 372 pence.

(Ver página 20)